

O Sujeito Diante do Algoritmo

Reflexões sobre o sujeito contemporâneo, a escuta e a tecnologia

Fabiana Hueb Abdala

Psicanalista e Escritora

Sumário

Introdução

Capítulo 1

O Mal-estar na Civilização Digital

Capítulo 2

O Tempo da Criança vs. O Tempo do Processamento

Capítulo 3

A Função Mediadora e o Limite como Cuidado

Capítulo 4

A Palavra e a Imagem na Era da Simulação

Capítulo 5

A Adolescência e a Busca por uma Identidade Singular

Epílogo

O que a Máquina não Escuta

Introdução

Um breve ensaio sobre como a tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas um novo modo de existir que afeta a constituição do sujeito.

Capítulo 1

O Mal-estar na Civilização Digital

Vivemos um tempo em que a resposta precede a pergunta. Se a psicanálise se funda no hiato, na dúvida e no tempo necessário para que a palavra emerja, a era da Inteligência Artificial nos empurra para a direção oposta: a da eficácia imediata e do preenchimento de todo e qualquer vazio.

Como psicanalista e escritora, observo que o verdadeiro desafio para os pais e educadores de hoje não é apenas o controle tecnológico, mas a preservação da singularidade. A IA opera sobre o que é comum, sobre a média estatística. Ela ignora o que há de mais precioso no humano: o erro criativo, a falha e o que escapa ao cálculo.

Preparar uma criança para este novo mundo não significa ensiná-la a operar máquinas, mas sim garantir que ela tenha um lugar de onde falar — um lugar que não seja apenas o eco de um algoritmo. É na escuta ética e no acolhimento do que há de estranho em nós que reside a nossa maior resistência frente à automatização do ser.

Capítulo 2

O Tempo da Criança vs. O Tempo do Processamento

A Inteligência Artificial opera na lógica da otimização: o menor caminho entre o problema e a solução. No entanto, o desenvolvimento psíquico humano não é um processo de engenharia, mas de maturação. Na clínica com adolescentes e adultos, observamos que o sujeito se constitui justamente no tempo da espera, na capacidade de suportar o vazio até que algo próprio possa ser dito.

Quando oferecemos às crianças ferramentas que entregam respostas imediatas e imagens pré-fabricadas, corremos o risco de asfixiar o "brincar". O brincar é, essencialmente, um tempo de desordem produtiva. A IA, ao contrário, busca a ordem estatística.

Como preparar os filhos para o futuro? Talvez a resposta não esteja em acelerar seu letramento tecnológico, mas em garantir-lhes o direito ao tédio e à dúvida. É nesse hiato entre a pergunta e a resposta que nasce a autoria. Proteger o tempo da infância contra a aceleração algorítmica é, hoje, um ato de resistência ética.

Capítulo 3

A Função Mediadora e o Limite como Cuidado

A tecnologia, por definição, é o campo do ilimitado. A Inteligência Artificial não dorme, não se cansa e oferece uma torrente infinita de estímulos e respostas. Na psicanálise, sabemos que o psiquismo da criança necessita do limite para se organizar. Sem o "não" ordenador, o sujeito perde-se na fragmentação das telas.

A função paterna e materna na era digital não deve ser a de um "vigilante tecnológico", mas a de um mediador de sentido. Impor limites ao uso da IA e dos dispositivos não é apenas uma questão de disciplina, mas um ato de preservação da saúde mental. É o limite que permite que a criança saia do "automático" e retorne para o campo da relação humana, onde o afeto não pode ser simulado por códigos.

Orientar um filho hoje exige dos pais a coragem de sustentar a falta. Em um mundo que promete preencher todos os vazios com informação, os pais devem ser aqueles que garantem o espaço para a convivência real, para o olhar que não brilha através de um LED e para a escuta que reconhece a singularidade do filho além das métricas de desempenho.

Capítulo 4

A Palavra e a Imagem na Era da Simulação

A Inteligência Artificial é, por excelência, uma máquina de síntese de imagens e textos. Ela opera através da combinação de rastros deixados por outros. Para a psicanálise, no entanto, a palavra não é apenas um código de transmissão de informações, mas o lugar onde o sujeito se localiza e se responsabiliza pelo que diz.

Na infância e na adolescência contemporâneas, assistimos a uma inflação da imagem em detrimento da palavra. Se a IA pode gerar um texto perfeito ou uma imagem impecável, o que resta à criança? Resta-lhe o "estilo", que é justamente o que a máquina não consegue processar: a singularidade da falha, o sotaque próprio do desejo e a marca pessoal que deixamos naquilo que criamos.

Como psicanalista e escritora, defendo que educar para o futuro é ensinar a criança a não se tornar refém da simulação. É necessário incentivar que ela escreva, desenhe e fale a partir de si mesma, reconhecendo que a perfeição algorítmica é,

muitas vezes, um deserto de sentido. A ética da palavra é o que nos diferencia da automação; é o rastro humano que resiste ao processamento de dados.

Capítulo 5

A Adolescência e a Busca por uma Identidade Singular

A adolescência é, por natureza, o tempo da travessia e da busca por uma identidade que se diferencie do desejo dos pais. Tradicionalmente, esse processo ocorria no olhar do outro, nos grupos de pares e nas experiências de erro e descoberta. Hoje, essa travessia é mediada por algoritmos de recomendação que oferecem identidades prontas e padrões de estética inalcançáveis.

O adolescente contemporâneo enfrenta um paradoxo: ao mesmo tempo em que busca ser único, é pressionado a se encaixar em métricas de engajamento. A Inteligência Artificial e as redes sociais funcionam como um espelho deformante, onde a imagem deve ser perfeita e o sofrimento, silenciado. Na clínica psicanalítica, o que acolhemos é justamente o que o algoritmo tenta filtrar: a angústia, a incerteza e o vazio existencial.

Preservar a possibilidade de uma adolescência singular significa oferecer um espaço onde o jovem possa ser "estranho" a si mesmo, sem a pressa de ser "curado" ou formatado. O papel da análise, e também de uma educação sensível, é validar o rastro de autoria do adolescente, permitindo que ele descubra que sua identidade não é um perfil a ser otimizado, mas uma história a ser escrita, com todos os seus hiatos e imprevistos.

Epílogo

O que a Máquina não Escuta

Chegamos a um ponto em que a tecnologia já não é apenas um acessório, mas o próprio tecido onde a vida se desenrola. No entanto, o percurso deste ensaio conduz-nos a uma conclusão fundamental: por mais que a Inteligência Artificial avance na simulação da linguagem, ela permanece radicalmente surda ao sujeito.

A máquina processa dados, mas não escuta o silêncio. Ela reconhece padrões, mas ignora o sentido de um lapso, de um esquecimento ou de uma angústia que não se traduz em estatística. O futuro que nos espera exige de nós uma "alfabetização humana". Preparar os nossos filhos e a nós mesmos para a era da IA não é aprender a programar, mas aprender a não se deixar programar.

A psicanálise, neste cenário, não é um saber do passado, mas uma prática do futuro. Ela é o lugar onde o imprevisto tem voz e onde o desejo não é um dado a ser otimizado, mas um mistério a ser vivido. Ser humano, em última análise, é o que sobra quando o algoritmo falha. E é exatamente nessa falha que a vida verdadeiramente começa.



Sobre a autora

Fabiana Hueb Abdala é psicanalista e escritora, com formação em Psicanálise pelo Instituto Sedes Sapientiae. Atua em consultório desde 2002, com atendimento de adolescentes e adultos, dedicando-se à escuta dos impasses contemporâneos entre sujeito e tecnologia. Autora de vários artigos e livros, seu romance recentemente lançado: ALGO aquém das palavras, busca gerar reflexões e questionamentos ao leitor sobre as interseções entre a cultura digital e os processos de subjetivação na

contemporaneidade. Acredita que a singularidade humana é o que resiste — e resistirá — à automatização do ser.

© 2026 - Todos os direitos reservados